



Rede São Paulo de

Formação Docente

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

São Paulo
2011



UNESP – Universidade Estadual Paulista
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Rua Quirino de Andrade, 215
CEP 01049-010 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5627-0561
www.unesp.br

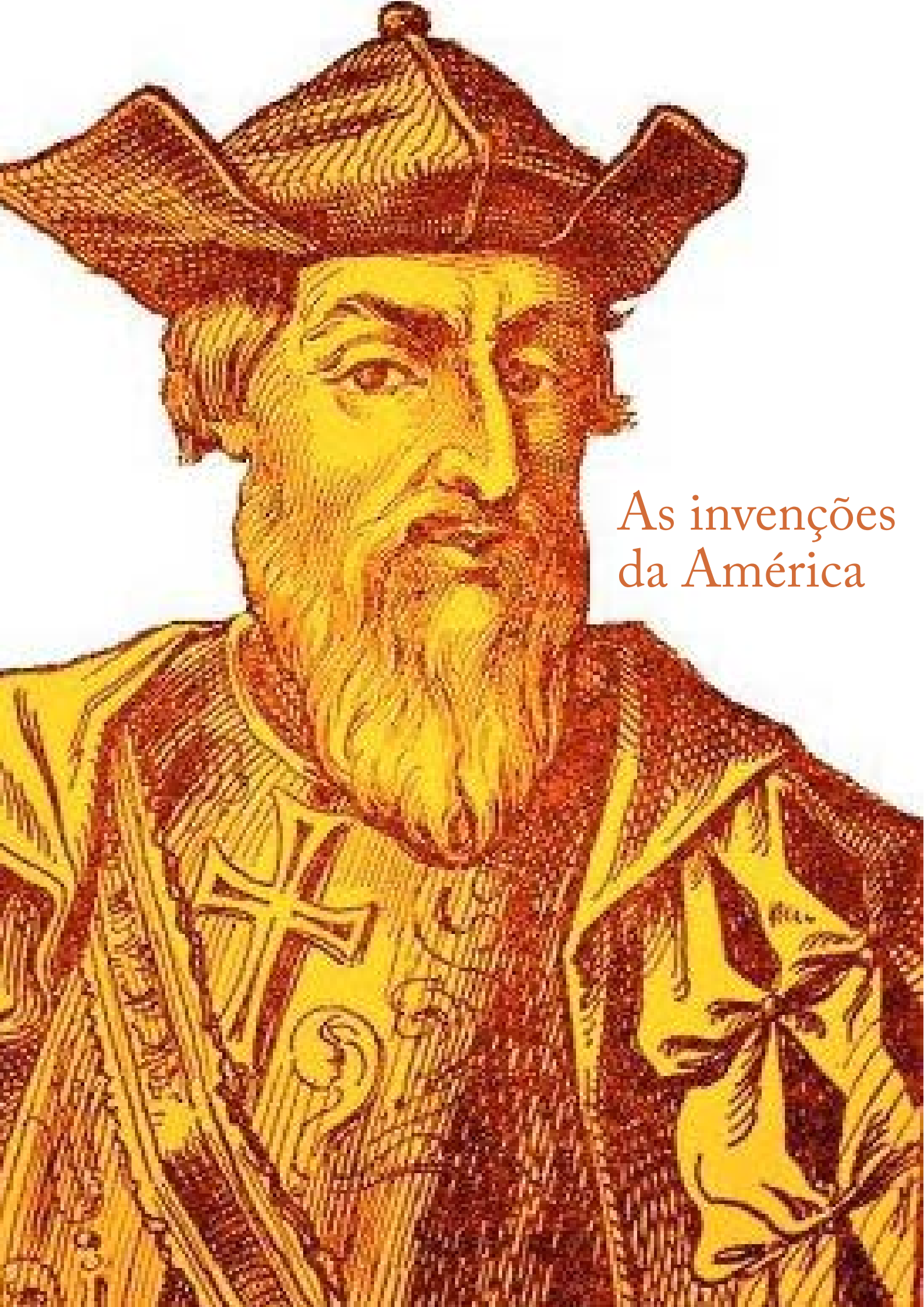


Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Educação
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Gabinete da Coordenadora
Praça da República, 53
CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP



**SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO**





As invenções
da América

Ficha da Disciplina:

Geografia Regional: América Latina e África

Curso de Especialização em Geografia

MÓDULO III

Disciplina: Geografia Regional -
América Latina e África

Regina Celia Correa de Araujo



Raul Borges Guimarães



Ementa:

Verifica-se no dia-adia da sala de aula a manutenção de leituras clássicas da regionalização global, como a Teoria do Desenvolvimento e a dos Lugares Centrais. O resultado tem sido o descolamento da discussão com os alunos de conteúdos essenciais que valorizem a diversidade étnico-cultural, a cultura da paz e da solidariedade entre os povos. Por causa destas preocupações, o curso propõe maior ênfase nos estudos da América Latina e África, procurando olhar para o mundo de um ponto de vista menos europocêntrico.

Palavras chaves:

América Latina, África, colonização e descolonização.

Estrutura da Disciplina

Geografia Regional: América Latina e África	1. As invenções da América	1.1 – O ideário hispoamericano
		1.2 – A Invenção da América Latina
		1.3 – O “Terceiro Mundo” Americano
	2. A formação dos Estados americanos	2.1 – O território colonial hispano-americano
		2.2 – Independência e os novos estados nacionais
	3. África: colonização e descolonização	3.1 – A partilha da África
		3.2 – A descolonização
	4. A fronteiras africanas	4.1 – Conflitos fronteiriços
		4.2 – O Sudão do Sul
	5. América e África no mundo globalizado	5.1 – As organizações regionais sul-americanas
		5.2 – As organizações regionais africanas

Sumário

Vídeo da Semana	4
As invenções da América.....	4
Um início de conversa	4
1.1 - O ideário hispoamericano	6
link.....	8
1.2 – A Invenção da América Latina.....	9
1.3 – O “Terceiro Mundo” Americano.....	10
Referências	11

Vídeo da Semana



As invenções da América

Um início de conversa

A América não existia como uma unidade para as civilizações que há milênios habitavam esse continente, antes da chegada dos europeus. Assim, a América surgiu na história não como produto da cultura de seus habitantes originais, mas como um fruto da civilização européia.

5

Antes do descobrimento da América, nenhuma das sociedades ameríndias, mesmo as mais complexas como a dos astecas ou incas, conhecia, em toda sua extensão e diversidade, o território e as populações do Novo Mundo. Os ameríndios ignoravam a América (...). Indígenas centro-americanos já haviam atravessado o istmo do Panamá e constatado que as águas do Atlântico eram diferentes das do Pacífico. Mas foi somente em 1513, quando Balboa fez a travessia, que o Pacífico foi verdadeiramente “descoberto” e incorporado ao resto do mundo. Nessa mesma ordem de idéias, foram os europeus que “inventaram” a América (ALENCASTRO, 1991).

Vasco Núñez de Balboa (1475-1519), conquistador espanhol, avistou o Pacífico em 1513, o chamou de Mar del Sur e dele tomou posse em nome da Espanha. É considerado, por isso, o descobridor europeu do Oceano Pacífico.

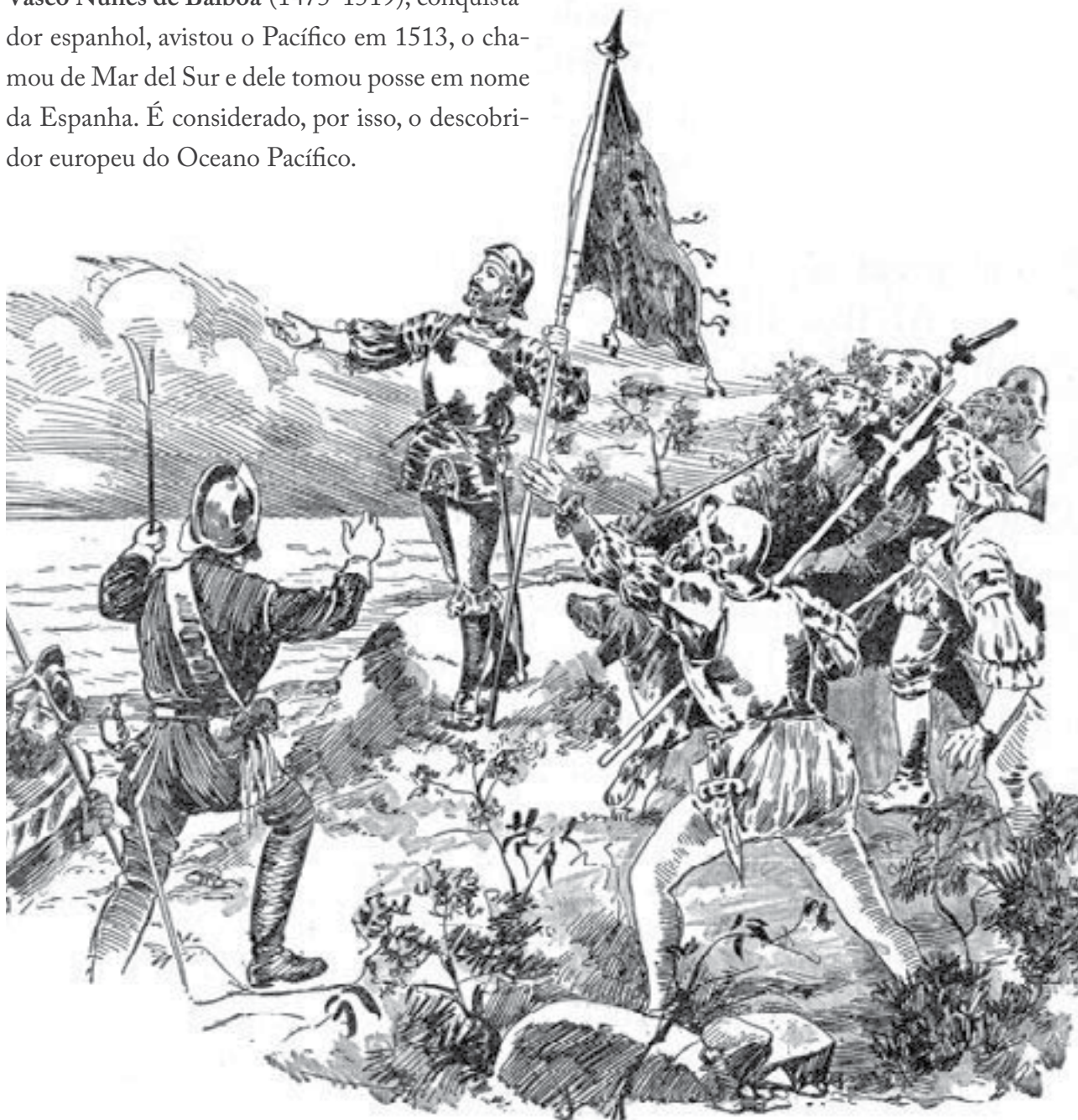


Figura1: Vasco Núñez de Balboa, descobridor do Pacífico.

Fonte: <http://ushistoryimages.com/images/vasco-nunez-de-balboa/fullsize/vasco-de-balboa-2.jpg>

Durante a colonização, as modalidades divergentes de apropriação do território e de suas riquezas produziram diversas Américas, que apresentavam alguns traços comuns, em que pese a sua grande diversidade interna. América hispânica, por exemplo, era marcada pela servidão ameríndia; a América Portuguesa, organizada em torno da escravidão africana; a América anglo-saxônica, bipartida entre as plantações senhoriais sulistas e a economia familiar nortista.

Na virada do século XVIII para o XIX, as independências e a formação dos Estados Nacionais completaram o processo de fragmentação da América. No norte de colonização britânica, surgiram os Estados Unidos e o Canadá. A América Portuguesa deu origem ao Império brasileiro, que, como vimos na disciplina anterior, alicerçou sua unidade na escravidão e na apropriação dos “fundos territoriais”, enquanto diversas repúblicas nasciam da implosão dos vice-reinos hispano-americanos e da descolonização caribenha.

Entretanto, a produção simbólica de uma unidade e uma identidade americana sobreviveu ao fracionamento da América em diversos estados independentes, servindo de inspiração para projetos geopolíticos de diferentes matrizes. É o caso, por exemplo, do ideário hispanoamericano, associado a Simon Bolívar, e do ideário de América Latina, de inspiração francesa. Ambos serão objeto de análise nessa aula.

1.1 - O ideário hispoamericano

O processo de independência na América hispânica teve início no contexto da invasão da Espanha pelas tropas francesas comandadas por Napoleão Bonaparte, em 1810. Destacavam-se então as figuras de Simon Bolívar e do general José San Martín, os chefes militares da Libertação, fortemente inspirados pelas idéias vindas da França revolucionária e da república independente dos Estados Unidos.

Em 1814, com a derrota de Napoleão e a restauração da Coroa espanhola, tem início uma forte contra-ofensiva metropolitana. No ano seguinte, enquanto lutava contra as forças reconquistadoras, que Bolívar escreveu a célebre “Carta da Jamaica”. Nesse documento, ele preconizava a unidade da América hispânica independente e propunha a organização de uma confederação, formada por três Estados federais, que se estenderia desde o México até a Argentina. O ideário bolivariano de unificação política do conjunto hispano-americano tinha por modelo os Estados Unidos, uma república democrática organizada em bases federativas.



Em 1826, o processo de independência já praticamente encerrado, mas, sob o comando das oligarquias regionais, desenvolvia-se um processo de fragmentação territorial da América hispânica muito diverso do modelo bolivariano. Bolívar, então presidente da Grã-Colômbia, empreendeu mais uma tentativa de salvar o projeto de unificação convocando um congresso hispano-americano, o Congresso do Panamá.

Entretanto, o Congresso do Panamá contou apenas com a participação da Grã-Colômbia, do México, do Peru e da Federação Centro-Americana. A dinâmica da desagregação evoluiu, atingindo, inclusive, a própria Grã-Colômbia, dilacerada por conflitos internos e questões fronteiriças.

O projeto bolivariano de unidade hispano americano fracassou, mas seus princípios continuaram ecoando em iniciativas que se prolongaram nas décadas seguintes.

Entre 1830 e 1845, o México convocou sucessivos congressos e conferências continentais, revelando a sua ambição de converter-se em liderança da América hispânica. Contudo, essa ambição foi fortemente abalada quando o país entrou em guerra com os Estados Unidos, em 1846.

Na América do Sul, entre 1848 e 1865, ocorrem três congressos inspirados na “Carta da Jamaica”.

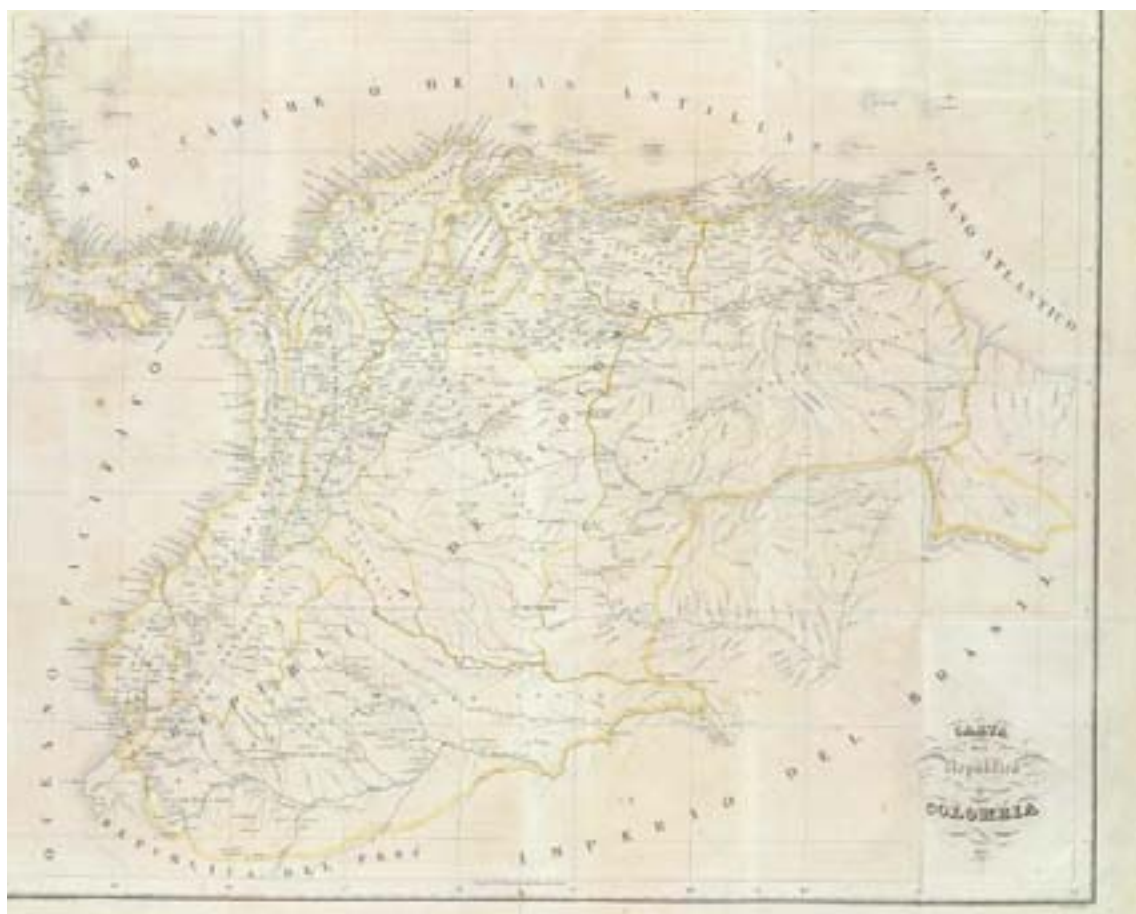
O Congresso Americano de Lima (1848), convocado pelo Peru, teve a participação da Colômbia, Equador, Chile e Bolívia. Nele, aprovou-se um “tratado de confederação” que, apesar do título, limitava-se a estabelecer mecanismos de ajuda mútua em caso de agressão militar por uma potência estrangeira.

O Congresso Continental de Santiago (1856) foi uma reunião de um único dia, assistida apenas pelo Chile, Peru e Equador. Seus participantes redigiram um “tratado continental”, que fundava uma liga permanente, associada contra eventuais agressões estrangeiras. Entretanto, o tratado nunca foi ratificado sequer pelos poucos participantes do congresso.

A segunda Conferência de Lima (1864-65) contou com maior audiência, reunindo Peru, Colômbia, Equador, Chile, Bolívia, Venezuela, Guatemala e El Salvador. Novamente, a prioridade recaiu sobre a defesa comum e, mais uma vez, foram traçados planos para a criação de uma confederação, que não foram levados adiante.

Nas últimas décadas do século XIX, a ascensão dos Estados Unidos à condição de potência mundial representou o golpe definitivo contra as idéias de unificação política da Hispano-América.

[link](#)



Grã-Colômbia

República fundada em 1819, e que se estendia pelos territórios que hoje pertencem à Venezuela, Colômbia, Venezuela, Equador e o Panamá. Veja no mapa.

Figura 2: Mapa da Grã-Colômbia
Fonte: (RESTREPO, 1827)



1.2 – A Invenção da América Latina

A América Latina surgiu como representação geopolítica quando os ideais bolivarianos já haviam perdido grande parte de sua força. A identidade latino-americana apareceu, originalmente, como um empreendimento francês destinado a estabelecer uma fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá, de um lado, e os demais Estados americanos, de outro.

Durante o império de Napoleão III (1852-1870), a França procurou projetar a sua influência sobre o Novo Mundo. Aproveitando a paralisia temporária da política externa americana provocada pela Guerra Civil (1861-65), a potência européia adotou a postura de defesa das Américas contra o expansionismo imperial dos Estados Unidos. Sob esse pretexto, em 1861, os franceses chegaram a comandar invasão do México e a coroar imperador o nobre austríaco Maximiliano de Habsburgo. Entretanto, os mexicanos se aliaram aos Estados Unidos para derrotar os invasores, e o Maximiliano acabou sendo fuzilado.

A ideia de “América Latina” se difundiu nesse contexto, funcionando como alternativa à noção bolivariana de um conjunto hispano-americano. Sua inspiração encontra-se no panlati-nismo, que defendia a tese da unidade racial, histórica e cultural dos povos de língua latina, em contraposição aos germânicos, anglo-saxões e eslavos. Comentando a representação latino-americana, Alain Rouquié destacou seu sentido geopolítico:

Esta etiqueta, amplamente aceita em nossos dias, o que recobre? De onde vem? As evidências do senso comum logo se desvanecem face aos fatos sociais e culturais. São latinas estas Américas negras descritas por Roger Bastide? A sociedade da Guatemala, onde 50% da população descendem dos maias e falam línguas indígenas, a das sierras equatorianas, onde domina o quíchua, são latinas? O Paraguai guarani, a Patagônia dos fazendeiros galeses, a Santa Catarina brasileira, povoada por alemães, tal como o sul do Chile, são latinos? De fato, referimo-nos à cultura dos conquistadores e dos colonizadores espanhóis e portugueses para designar formações sociais de múltiplos componentes (ROUQUIÉ, 1991, p. 22).

Depois do fracasso do México, a influência francesa na América se deslocou do plano militar para o plano cultural, sob a forma da adesão das elites dos países da América do Sul à tradição dos autores, das letras e da língua francesa. Paris atraía os filhos dos fazendeiros, os ricos comerciantes, os banqueiros e os advogados sul-americanos. Uma parcela importante

dos primeiros professores contratados para Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, quando foi fundada Universidade de São Paulo, na década de 1930, eram de origem francesa. Na produção geográfica brasileira em particular, a influência francesa foi profunda e duradoura.

Nesse novo contexto, América Latina, enquanto representação, sofreu uma reconstrução. Nas décadas de 1920 e 1930, intelectuais do sul e centro americanos passaram a enfatizar o peso das tradições e culturas indígenas. Na Nicarágua, o guerrilheiro camponês Augusto César Sandino caracterizava o subcontinente como área Indo-Latina. No Peru, Haya de la Torre, fundador da Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), um partido político nacionalista, preferia a denominação de Indo-América.

Mas a nova representação da América Latina só se consolidou após a Segunda Guerra Mundial, e mais que o indigenismo, refletiu a noção de que a economia mundial capitalista dividia-se, inexoravelmente, num núcleo central desenvolvido e numa periferia subdesenvolvida. A América Latina, por oposição à América Anglo-Saxônica, era o “Terceiro Mundo” americano.

1.3 – O “Terceiro Mundo” Americano

A expressão “Terceiro Mundo” – que remetia à idéia do Terceiro Estado da Revolução Francesa – foi cunhada por sociólogos e geógrafos impressionados com os contrastes sócio-econômicos num mundo aparentemente dividido apenas pela fronteira ideológica da Guerra Fria. Esses intelectuais procuravam enfatizar uma outra fronteira, entre Norte e Sul, que adquiriria dimensão política cada vez maior. Ao mesmo tempo, contrapunham os países subdesenvolvidos (o “Terceiro Mundo”) aos países industriais capitalistas (o “Primeiro Mundo”) e socialistas (o “Segundo Mundo”).

A produção do “Terceiro Mundo” e suas implicações na nova representação da América Latina deveu-se, em parte, a intelectuais franceses. Os geógrafos Pierre George e Yves Lacoste dedicaram-se à conceituação do subdesenvolvimento, indicando os traços econômicos, sociais e demográficos que conferiam uma certa unidade à noção de “Terceiro Mundo”. O sociólogo Jacques Lambert, por sua vez, empenhou-se na caracterização da América Latina, distinguindo-a da América Anglo-Saxônica pela colonização de exploração, por suas particularidades étnicas e culturais, pelo acelerado crescimento demográfico e pelo peso do latifúndio e da classe dos grandes proprietários fundiários.

Mas o centro intelectual da nova representação foi constituído pela Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), órgão da ONU criado em 1948 e sediado em Santiago (Chile). A Cepal se firmou como escola de pensamento voltada para a formulação de estratégias de desenvolvimento para a América Latina.

O pensamento cepalino identificou na economia mundial capitalista o entrave para o desenvolvimento sul-americano. Os seus principais teóricos – entre os quais se destacavam o argentino Raúl Prebisch e o brasileiro Celso Furtado – elaboraram teorias direcionadas para o desenvolvimento autônomo das economias do subcontinente. A aliança entre os empresários nacionais e o povo, sustentada por investimentos do Estado em setores industriais estratégicos, aparecia como desdobramento político das propostas cepalinas.

Nesse novo contexto, o velho ideal de unidade da América ganha um novo sentido. Ao invés da unificação política preconizada por Bolívar ou da identidade cultural dos povos do continente, o CEPAL pretendia alcançar a integração econômica sul-americana.



A Iniciativa para Integração da Infraestrutura Sul-Americana (Iirsa), criada em 2000 na Conferência de Brasília, é, em parte, uma herdeira do projeto cepalino. A Iirsa tem como objetivo integrar a infra-estrutura de transportes, energia e comunicações entre os doze países signatários: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela.

Referências

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. América. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 out. 1991. Suplemento Especial.
 - ROUQUIÉ, Alain. **O extremo-ocidente**: introdução à América Latina. São Paulo: Edusp, 1991.
 - RESTREPO, Jose Manuel. **Carta de la Republica de Colombia**. Paris: Libreria Americana, 1827. 1 mapa, color., 24 cm x 19 cm. Escala 1:5.500.000. Disponível em: <<http://www.davidrumsey.com/luna/servlet/detail/RUMSEY~8~1~20243~590076?id=1-1-20243-590076&name=Colombia>>.
- Acesso em: 25 abr. 2011.

Pró-Reitora de Pós-graduação

Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora

Cláudio José de França e Silva

Rogério Luiz Buccelli

Ana Maria da Costa Santos

Coordenadores dos Cursos

Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)

Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)

Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)

Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)

Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico

Ari Araldo Xavier de Camargo

Valentim Aparecido Paris

Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria

Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NEaD – Núcleo de Educação a Distância

(equipe Redefor)

Klaus Schlünzen Junior

Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura

Pierre Archag Iskenderian

Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira

Guilherme de Andrade Lemeszenski

Marcos Roberto Greiner

Pedro Cássio Bissetti

Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material

Elisandra André Maranhe

João Castro Barbosa de Souza

Lia Tiemi Hiratomi

Liliam Lungarezi de Oliveira

Marcos Leonel de Souza

Pamela Gouveia

Rafael Canoletti

Valter Rodrigues da Silva